

REVISTA CATHARINENSE

ASSIGNATURAS :
SEMESTRE 5\$000

REDACÇÃO E OFFICINAS

Rua Conselheiro Jernymmo n. 1

PUBLICAÇÃO MENSAL

O MAR CATHARINENSE (1)

INVOCACÃO

MAR... Quem te não ama, Mar?!... Quem te não adora, ó Mar verde, maravilha do Universo?!... Quem, longe de ti, não sente o acúleo penetrante de uma saudade infinita, ó Mar?!... Salso elemento, symbolo augusto da mobilidade irrequieta e batalhadora, gerado no chaos das idades primitivas, em cujo seio immenso e fecundo irrompeu a vida, eu te saúdo, ó Mar!

Com o bramido tresloucado e pungente de tuas aguas revoltas — em noites sem conta e dias sem termos, erguendo para o céu, quaes braços imprecantes, as tuas vagas desmedidas, — carpiás, ó Mar, a amarga tortura de uma desolada solidão. Um dia, o espirito de Deus, condoido, veio propinar-te balsamico consolo; e, pairando sobre tuas aguas plangentes e ceruleas lançou-te nas entranhas fecundas a cellula primeira. A vida em ti gerada, ó Mar, propagou-se em teu seio farto em fôrmas maravilhosas; cresceu, progredio, irradiou-se, e, passando á Terra, povoou-a de assombrosas especies. Aperfeiçoou-se inda mais, evoluiu e, hoje, ahi tens o Homem, o termo sublime, o representante superno de ininterrupta e admiravel cadeia. Elle é teu filho, ó Mar!... Tu, és o espelho do infinito. Reflectes a vida em todas as suas mais varias e caprichosas manifestações: a cólera, a lucta, as explosões violentas; a mansuetude, a ternura, a caricia apaixonada.

O Homem é o teu reflexo... O seu engenho é vasto como a tua immensidade, o seu talento assombra como a tua planura, a sua audacia é desmedida como os teus insondaveis abysmos, ó Mar!... Sem ti, velho Mar amigo, a Terra seria um lugubre deserto, seria um tumulto vasio a bojar no espaço...

Tu és a vida: humedeces o ar, originas as precipitações athmosphericas, mitigas a inclemencia dos climas.

(1) Capitulo V do trabalho — *A Vida Marítima Catharinense*, ora em elaboração.

Teu seio é celeiro vasto, inesgotável.

Geraste o homem, e tens sido o severo educador da humanidade.

A tua desmedida vastidão, cheia de sombras e mysterios, aguçou a curiosidade, o espirito indagador do Homem.

O seu engenho creou o navio e... eil-o a sulcar as tuas aguas inquietas na ancia cega do desconhecido, retalhando-te o dorso gázeo com sua quilha afiada, desvendando novos horizontes, transformando-te assim, ó Mar, no vínculo indestructível do irmanamento dos povos, no laço eterno do entrelaçamento das varias civilisações!... Hoje, qual novo Nero, sem o fito imp. dico e selvagem deste, mas illuminado por espirito scientifico, pretende o Homem mergulhar em tuas entranhas, sondar-lhe os latibulos e desvendar ao mundo os seus reconditos mysterios.

O' Mar do Sul!... O' Mar catharinense!... Mar verde e luminoso da minha terra, mar de meus sonhos, das minhas saudades, das minhas esperanças... Abre, desvenda aos nossos olhares curiosos o teu seio palpitante, que eu quero conhecer as tuas lendas, os teus segredos, ó Mar! Quero contar a meus filhos a tua historia maravilhosa, desde as idades primevas até aos dias que fluem... Mas... quem sou eu para fazel-o? Cala e perdôa...

Quando pensou o infusorio mesquinho, edificando em teu regaço a sua microscopica cella corolifera, que, um dia, o trabalho constante de seus continuadores, transformado em edificio magestoso, afloraria á superficie de tuas glaucicas aguas em originaes e floridos archipelagos? Eu serei o foraminifero modesto a construir a capsula calcarea, friavel, ephemera... Que importa?... Virão outros, ó Mar da minha terra, outros mais ainda, e, um dia, a tua historia enygmatica, tragica, movimentada, crescerá, tomara vulto como as tuas vagas azues...

Impressão do Mar

O mar!... Sómente aquelle que longe do mar nasceu e que pela primeira vez o admira, poderá manifestar com verdade a assombrosa, indescriptivel impressão experimentada ao contemplar a desmedida extensão d'agua glauca, cerulea, ondulante, que é o Oceano!... A sensação é deveras profunda, inesquecível, indelevel...

— « *Pucha banhado louco!* » foi a exclamação natural, genuina, que rebentou dos labios dos rudes gaúchos de Gumercindo Saraiva ao contemplarem estatelados, de cima dos asperos alcan-

dores da Serra do Mar, á vez primeira, as aguas adormecidas metálicas, do Atlantico . . .

— « *Thalassa ! . . . Thalassa ! . . .* O mar ! o mar ! » — bradaram em delirio os dez mil legionarios de Xenophonte, das cumiadas do Tacque, ao descortinarem as aguas amigas do Ponto-Euxino, após longa epopéa de embates e fadigas.

Não sei, por mais que me empenhe, esforce mesmo, descrever o que em mim se passou ao avistar o Mar pela vez primeira ; sei, apenas, que foi uma extraordinaria revelação.

Nascido no interior do Estado, só havia contemplado, na época das cheias, os grandes transbordamentos do rio do Braço e do ribeirão de Alferes, caudaes que banham a villa de Nova Trento, meu estremecido berço natal, cujas aguas sussurrantes, reunidas ás de outras fontes, avolumam o rio Tijucas. Eu era bem menino quando visitei a villa desse nome.

Ao chegar, em companhia de meus paes, chamou-me logo a attenção um ronco estranho, surdo, continuo, de tempestade longinqua.

— « E' o mar, que está grosso . . . » dissera mamãe, ao ser por mim interpellada.

Uma curiosidade afflicta, essa curiosidade insofrida de criança voluntariosa, não me deixou socegar, aguilhoava-me insistentemente. Aquelle fragor vago, soturno, me attrahia ; anciava por descobrir-lhe a origem, por explicar-lhe a causa. Dahi a pouco achegando-me a dois pequenos conhecidos antigos, expuz-lhes o meu desejo mal contido. — « Vamos até o pontal. . . E' pertinho . . . » disseram ambos.

Illudindo a vigilância materna, cosido aos cercados e ás casas, deitei a correr em companhia dos amigos. Fugi.

Andei muito, pois a distancia era longa ; a minha obstinada curiosidade não a medio, não podia medil-a.

O estrondo do mar augmentava . . .

Queimado pela soalheira, com a fronte aljofrada de suor, ofegante, fatigado, aberei-me da praia longa e deserta.

Um grito se me abafou na garganta.

Recuei temeroso . . . O mar largo, raivoso, atormentado ainda pelas ultimas vergastadas do pampeiro expirante, desvendou-se em toda a sua tragica magnificência ante meus olhos desvairados. Fiquei estatico. Um violento extremoção sacudiu-me ; senti que dentro em mim tudo vibrava.

Seria medo ? Seria enthusiasmo ?

Que era, então ? . . . Ah ! nem sei dizel-o.

Um mixto de sensações fortes e desconhecidas, a minha alma juvenil experimentava ; o elaborar, o desabrochar, talvez, dentro do peito, de uma vocação marítima.

As ondas empolavam-se ao largo, entumeciam ainda mais, ganhavam desabusada carreira e, cobrindo-se de uma crista de espumas amarellentas vinham, como um animal phantastico, espojar-se na praia coberta de destroços, com um ribombo aterrador.

As areias dos bancos, a vasa esverdinhada, as alluviões do rio, completamente revolvidas, toldavam grande extensão do mar enfurecido.

Ao longe, á minha direita, desenhava-se a serra dos Ganchos, ninho de valentes marinheiros ; á esquerda azulavam os morros dos Bobos, dos Zimbros, com as penhascosas fraldas brancas de escumas. Entre aquellas elevações a linha verde-azulada do oceano tempestuoso. Ao largo, ora a esconder-se no cavado das vagas, ora subindo na crista empinada, palpitava o triangulo alvacento de uma vela.

No céu de um azul carregado corriam, batidos pelo vento, trapos esgarçados de nuvens escuras. Gaivotas velozes com rouscos pios vinham tocar a babugem das esfareladas ondas com suas remigias flexíveis.

.....
— « Vamos, vamos embora ... é tarde ... » gritavam os companheiros.

Eu quedava absorto, na muda contemplação daquelle grandioso espectáculo.

Voltei victorioso para casa ; satisfizera o meu capricho, a minha funda curiosidade desaparecera.

— « Sabe, mamãe, — disse ufano. — fui vêr o mar. Que bonito ! se visses ... Quanta agua ! ... »

Vendo-me suado, resfolegante, com a têz incendida, a contar a grande façanha, minha bôa mãe sobresaltou-se e, comprehendendo a gravidade da minha travessura, reprehendeu-me vivamente.

Envergonhado, diante dos companheiros que me observavam, puz-me a chorar ; mas, não sei, dentro de mim sentia uma satisfação immensa e, com uma especie de vaidade, dizia para commigo : — « Mamãe ralhou ... mas eu vi o Mar ! ... »

O Mar ... que impressão ! ...

E ella foi tamanha, tão profunda ella foi que eu, adolescente, atjrei-me, despreoccupado e feliz, á vida marítima.

Ella é rude, inconstante, cheia de illusões, de fadigas, bem ingrata ás vezes, mas ... que importa ? se ella é tão amada.

Encontram-se nellatodas as armas, todas as seducções de uma mulher bonita a quem se adora : arrufos, amuos, ternuras, carinhos, enfados, brigas, separação até ; mas, afinal, um dia vem de manso uma saudade tão grande, tão estonteante por ella, que as pazes são feitas, novo amor se reata e com elle dobrada ternura.

Não vi ainda um unico marinheiro que da vida do mar não tivesse amargas queixas ; tambem não sei de um só que a ella se referisse sem uma pungitiva saudade. Essa particularidade recorda-me um facto, lembra-me uma senhora que conheço, cujo marido lhe vinha proporcionando dias de amarguras e de lagrimas. . . Algumas amigas lastimavam-lhe a sorte. Ella, calma, com um sorriso triste e resignado, teve a seguinte resposta tão sincera, cheia de verdade, profundamente humana :

— « Bem o sei ; elle é o diabo em pessoa, mas... que querem ?... eu gosto muito, muito d'elle . . . »

E' assim a vida do mar. Quantas victimas têm devorado a Biscaia, o mar da Mancha, os baixios da Terra-Nova ?

Têm por isso os bretões, os normandos, os pescadores do bacalhau, abandonado as lides oceanicas ?

Quantos orphãos e viuvas tem feito o mar catharinense ?

Deixa por isso de ser marinheira a nossa gente ribeirinha ? Qual o catharinense que não experimenta um calefrio inexplicavel quando o pampeiro desaba ?

Qual se não orgulha de possuir um antepassado embarcado ?

E' a alma maruja que se manifesta ; e essa grande attracção, esse grande enthusiasmo pelo mar ou pelas coisas maritimas são hereditarios, profundamente atavicos . . .

Mar — Oceano

“ As aguas — nos diz Victor Bellio — começaram desde logo a ser differenciadas pelos primeiros homens, quer pela vastidão e fórma da superficie, quer pela sua mobilidade, sua estabilidade, seu sabôr ; começou-se a fazer distincção entre agua de rio e agua do mar e a procurar denominações proprias a indical-as e distinguil-as. Houve, porém, confusões que, em determinados casos, o uso vulgar e scientifico sancionou, como entre mar, lago e assemelhados, e ainda entre muitas superficies aquosas, que deviam chamar-se lagos e que, usualmente, são denominados mares, como Mar Caspio, Mar Morto ; em alguns casos o nome de mar é dado a lagunas e até, ás vezes, a algum pequenissimo paúl de agua doce.

“ O nome de *mar* é, no geral, empregado para designar toda a superficie continua de agua salgada, em opposição á *terra*, toma-

da esta no sentido particular de superficie solida, e a todas as aguas salgadas ou doces, correntes ou paradas que se encontram contidas no seu perimetro.

« Esta palavra tem um significado mais restricto, como veremos adiante.

« A parte mais vasta das aguas do mar, tomada esta palavra no seu mais lato significado, denomina-se *Oceano*.

« Esta palavra vem do védico *Acayana*, de que a raiz é *açu* — rapido, — e passou ao grego, segundo Littré, como *Okeanos*.

« Tambem este termo tem a sua historia quanto ao valor que lhe foi attribuido, ora se entende por Oceano toda a immensa extensão das aguas marinhas, e nesse sentido équivale á palavra mar acima designada; ora, em sentido mais restricto, Oceano serve para indicar varios e grandes tractos de superficie aquosa. »

Hoje, a designação *Oceano* é empregada para indicar cinco partes especiaes da grande superficie liquida que cobre tres quartas partes do nosso planeta.

« A palavra *mar*, em sentido restricto, indica uma parte do Oceano; os termos *golpho*, *enseada*, *seio*, *bahia*, *porto*, *reconcavo*, *abra*, *angra*, significam um tracto do oceano ou do mar fechado por articulações ou pontas de terras, sem distincção de tamanho; ás vezes estes termos equivalem a *mar*. . . »

« As palavras *canal*, *estreito*, *furo*, *bôca*, *passo*, *braço*, indicam sempre uma extensão de mar apertada entre massas de terras, com os extremos ligados a extensões mais largas. . . Ainda nesse caso nenhum criterio de dimensão existe para indicar qual dessas palavras se deve adoptar em cada caso particular.

« Distincção apoiada em base scientifica é a de *mares independentes e mares dependentes*; estes ultimos ligados aos primeiros e delles dependentes pelos movimentos maritimos e por outros motivos que são causas e consequencia daquelles, como a salinidade, a temperatura, a densidade. Esta divisão não é sempre de facil applicação.

« Outra divisão feita com serio fundamento é a de *Oceanos abertos*, *mares perisphericos* e *mares mediterraneos*. » .

Dominio maritimo

A's bordas dos mares surgiram as grandes civilisações. Ainda hoje os estados mais prosperos se reclinam ás margens dos oceanos. Essa situação privilegiada é desfructada pela maioria dos estados brasileiros.

Santa Catharina, provincia maritima, tem natural dominio so-

bre a parte do Atlantico sul, que banha as suas entretalhadas costas, as quaes medem, com suas reentrancias e saliencias, 275 milhas maritimas.

Mar territorial

Todos os estados banhados pelo oceano consideram como de dominio particular uma certa extensão de mar, fronteira ao seu littoral. Essa superficie liquida chamada *aguas territoriaes* ou *mar territorial*, é limitada pela praia, desde a linha de baixa-mar, e por uma recta imaginaria marcando sobre as aguas o alcance de um tiro de canhão, alcance esse que, devido aos modernos progressos da artilharia, foi fixado em *tres milhas maritimas*, ou cinco kilometros e meio. Ha casos, porém, em que as *aguas territoriaes* de uma nação, devido a tratados e convenções especiaes, têm para fronteira maritima mais de tres milhas da costa.

As *aguas territoriaes* do nosso estado occupam uma área de 1.528 kilometros quadrados.

Mares primitivos

Vejamos, agora, em rapida digressão, a origem e desenvolvimento dos mares primitivos. Da combinação do hydrogenio e oxygenio nasceu a agua.

Esta, nas idades primévas, em que a temperatura era assaz elevada, mantinha-se em estado de vapor.

O resfriamento gradual do globo igneo, que era a Terra, permittiu, após millenios, a condensação das desmesuradas massas de vapor aquoso, que cahiram em verdadeiras chuvas diluviaes. As *aguas* dominaram assim, em remotissimas eras, toda a face da Terra. Era um mar immenso, fervente, revoltado, caliginoso, deserto. No seu proprio seio, onde começavam a turbilhonar os primeiros residuos das corrosões antigas, nenhuma vida palpitava.

O ambiente era tetrico : dias violaceos, opacos ; noites lugubres, soturnas, cortadas de pavorosos relampagos.

Tudo, em redor, plumbeo, confuso, tempestuoso...

Veio a epocha *archaica*, ou *azoica*.

O mar immenso, desmedido, deu lugar a que um rincão de terras escalvadas e asperas lhe emergisse do seio mysterioso. Esse tracto feliz, o primogenito do globo, foi o massiço de estrutura firme e compacta do nosso grande Brazil. A terra catharinense, acariciada por um fugaz e medroso raio de luz, teve o seu primeiro estremecimento.

Nove decimas partes da superficie da Terra continuavam ainda dominadas pelo grande Oceano.

No *paleozoico* um vasto mar uniforme, de profundidade igual, se estendia avassallador. A vida irrompeu, então, nas suas entranhas revoltas. As terras immersas, em tremendas e desabaladas irrupções submarinas, começaram no *cretaceo* a abrir luta exigente contra o Oceano, roubando largas extensões de sua descomunal superficie. Já no *devoniano* um mar de pouca profundidade, de aguas baixas, se desdobrava do poente ao nascente, desde as costas occiduas da actual America do Sul até á Africa e Asia meridionaes.

No *carbonifero*, ficou elle coalhado de innumeras ilhas razas e alagadiças, devido ao sublevamento do hemispherio austral. Durante o *permiano* solevantou-se o grande continente Gondwana, como vimos no Capitulo I.

No *mezozoico* continuaram as terras a ganhar em superficie, emquanto o Oceano se fazia profundo e isolava completamente as massas continentaes. Ao sul do continente acima nomeado appareceu, no *jurassico inferior*, um mar que começou por invadir-lhe as costas, isolando a Australia, a Nova-Zelandia e dando origem ao Oceano Indico.

No *jurassico superior* a grande massa continental ficou reduzida á Africa e á America meridional. Esse continente, denominado Etiape-brazileiro ou Archelenis, tinha para limite septentrional o antigo Oceano, denominado Thetys pelos geologos, emquanto que ao sul o delimitava um mar interior, o Nereis.

○ Atlantico

Sua origem

No periodo *eoceno superior* esse mar começou a augmentar de profundidade e, avançando para o septentrião, atacou as costas do Archelenis, esboroando-as aos poucos. Depois de uma luta ingente acabou por ligar-se ao Thetys, dando origem ao Atlantico actual.

O embate continúa ainda em nossos dias com avances e recuos, tracejando, definindo as fronteiras marítimas das modernas terras. Essa luta constante, titanica, inquebrantavel não terminará nunca...

O nome desse oceano vem de uma antiquissima ilha — a *Atlantida* que, a darmos credito nos escriptos de Platão, existiu na sua actual bacia e foi subvertida por apavorante cataclysmo.

Superfície

Sabemos que, no presente, quasi tres quartas partes da superficie do nosso planeta são occupadas pelas aguas, superficie esta que, geographicamente, foi dividida em cinco porções desiguaes, chamadas *Oceanos*. Calculando, em numeros redondos, a superficie total do globo em 510 milhões de kilometros quadrados, approximadamente, teremos para a superficie total dos mares 374 milhões de kilometros quadrados. Dessa enorme extensão cabem ao Atlantico 88.600.000 de kilometros quadrados.

Limites

O Atlantico é limitado ao norte pelo Circulo polar Arctico; ao sul, pelo Circulo polar Antartico; a léste, pelas costas da Europa, Asia e Africa até o cabo das Agulhas e d'ahi até o Circulo polar de uma linha convencional determinada pelo meridiano de 20°, de longitude oeste de Greenwich; a oeste, pelas costas orientaes da America e pelo meridiano de 69° de longitude occidental de Greenwich, desde o cabo Horn até o Circulo polar Antartico.

Descrição

Este oceano, ligando-se a todos os outros, apresenta-se como um vasto canal entre o Antigo e o Novo continente. Tem a fôrma de uma linha quebrada com dois angulos. Nota-se que onde o Novo Mundo avança para o mar o Antigo se retrahê ao sul do equador, enquanto que, um pouco ao norte da linha, dá-se o contrario; e, assim, se formam dois angulos, um quasi recto no maximo seio de oeste, entre as duas Americas, e outro, muito obtuso, na costa da Guiné.

Largura

A largura maxima do Atlantico é de 8.300 kilometros, entre o Cabo Bojador (Africa) e o de Matamoros (Mexico). Ao norte, entre a Noruega e a Groenlandia, tem a sua largura reduzida a 2.800 kilometros; e, ao sul, a sua parte mais estreita que é, approximadamente, de 2.900 kilometros, fica entre o Cabo de S. Roque (Brazil) e a costa da Liberia (Africa). Entre 20° e 30° (latitude em que o nosso Estado está comprehendido) a sua largura em grãos de longitude é de 56° e 67° e, em kilometros, 5857 e 6465.

Distribuição da massa liquida

Si a examinarmos subdividida em zonas, acharemos que a superficie solida do globo é quasi igual á liquida na zona temperada

septentrional, mas nas outras a proporção é maior em favor das águas. Para a zona temperada meridional temos 13.500.000 kilometros quadrados de terras e 119.200.000 kilometros quadrados para as águas.

« Desde os 40º de latitude sul até ao Polo Antartico a crosta do nosso globo está quasi que inteiramente coberta de águas ; o hemispherio austral é essencialmente oceanico, nos diz Humboldt ».

Profundidade

Em meio do Atlantico, entre o Antigo e Novo continente, de norte a sul, seguindo as sinuosidades das costas, encontra-se uma lombada ou planalto continuo, que toma três denominações: ao norte, *planalto do Delphim*, no centro, *planalto de ligação*, e ao sul, *planalto do Challenger*. Esse platô divide o Atlantico em duas amplas bacias, a americana e a africana, de profundidades inferiores a 2.000 metros. Na altura da linha equatorial, cortando transversalmente, de léste a oeste, o leito do Atlantico, levanta-se um outro não mui profundo planalto, ficando assim distribuidas em quatro grupos as grandes profundidades abyssaes desse oceano.

A profundez média do Atlantico é de 2.500 metros; a maxima foi encontrada nas cercanias das Antilhas, onde Blake prumou em 8.540 metros.

As suas regiões abyssaes occupam, apenas, 72,6 % da superficie total.

A faixa marinha, que acompanha as terras com profundidades inferiores a 200 metros, denominada *planalto continental*, vem se alargando para o sul a começar do Cabo de Santo Agostinho. A' léste dessa cinta, as linhas bathymetricas alcançam de 2 a 4.000 metros. Nas regiões abyssaes da bacia brasileira a sonda tem alcançado a profundidade de 6.210 metros. Caminhando-se para o nascente a linha bathymetrica soleva-se, até alcançar o planalto do continente africano, cuja bacia é menos profunda que a nossa. Nas costas catharinenses as profundidades vão crescendo gradualmente, sem grandes depressões.

Natureza do fundo

« No planalto continental accumulam-se os depositos *terciarios*, isto é, os detrictos roubados ás terras pela erosão.

« A' medida que se afastam do littoral as profundidades, tornam-se mais finos e mais homogeneos estes depositos tratados pelas águas. Nas *regiões pelagicas*, isto é, além do planalto continental, predomina o lodo, a vasa organica, ás vezes sillicosa, ás

vezes calcarea. Nas regiões abyssaes encontram-se os grandes depositos muito uniformes de argilla vermelha», nos diz D. de Carvalho. A natureza do fundo do mar catharinense pôde ser classificada em quatro zonas, mais ou menos distinctas e quasi parallelas, assim de areia fina, de areia, de vasa, e de cascalho. A areia fina predomina junto ao littoral, a de vasa ou lodo no interior dos portos, bahias e algumas enseadas, e a de areia grossa e cascalho mais ao largo.

Nivel do Atlantico

Por *nivel médio* dos mares designamos o plano horisontal que passa pelo ponto a que chega a média dos praia-mar e baixa-mar. Os ventos, as correntes, as marés, as chuvas e as grandes evaporações, alteram o nivel dos mares.

As aguas tambem estão sujeitas ás attracções das massas terrestres. Entre o Atlantico e o Pacifico ha uma differença de nivel de 0, ^m 34. Alguns pontos do meio do Atlantico são mais baixos, cerca de 500 metros, do que na costa.

Temperatura

Sabemos que a agua do mar se aquece mais vagarosamente do que a Terra.

Nos oceanos a temperatura decresce rapidamente da superficie para o fundo nos primeiros 400 a 800 metros ; nesta profundidade alcança 4º centigrados, acima do zero ; depois, diminue muito vagarosamente até 5.000 metros, em cuja profundeza, nos mares tropicaes, alcança 0º.

E' assaz sensivel a influencia da *temperatura da superficie* dos oceanos sobre os climas das terras por elles banhadas.

Entre a temperatura das aguas e a do ar encontra-se sempre differença ; no equador o mar é continuamente mais quente que o ar ; o mesmo se dá nos polos.

A partir de 10º, mais ou menos, torna-se mais quente o ar ; aos 20º essa differença é sensivel ; vae em seguida se attenuando para os polos até se tornar mais quente a superficie das aguas.

No Atlantico sul, a temperatura média da superficie, dos 20º aos 30º de latitude (em que se comprehende a costa catharinense) é de 21º,2. Esta temperatura soffre pequenas oscillações. « No Atlantico norte, em latitudes correspondentes, as temperaturas médias são muito superiores. »

Sua influencia

As aguas, como vimos, são no geral um gráo mais quentes do que o ar ambiente. A temperatura das aguas tem especial e imme-

diata influencia sobre a camada de ar que envolve a massa terrestre; influe tambem sobremodo, por meio dos ventos, nos climas, nas chuvas, na vegetação e até, sobre os seres organicos.

Salgação e densidade

O sabor aspero da agua do mar é devido aos saes que ella tem em dissolução, na porcentagem média de 3, 50 %.

O grão de salgação depende da evaporação, da temperatura, da maior ou menor quantidade de agua doce, dos ventos, etc.

O mar alto é mais salgado do que as costas. O oceano Atlantico, por sua vez, é mais salgado (3.65) do que o Pacifico (3.50). E' menos salgado o Atlantico norte que o do sul, ficando a sua parte mais salgada entre as latitudes de 20° e 20° 33, sul. A maxima salinidade deste oceano, no sul, é de 3,96. Nos mares catharinenses a salgação está na porcentagem de 3,50 %.

A densidade acha-se intimamente ligada ao grão de salgação, ou salinidade do oceano. A densidade média corresponde a uma salinidade de 3.4 %, isto é, de 3, 4 grammas de saes em dissolução em 1 litro d'agua. A media da densidade do Atlantico é de 1.0286. Um metro cubico de agua pura a 20° pesa 998 kilos e um metro cubico de agua salgada a 20° pesa 1.027 kilos.

Lucas A. Boiteux.

(*Continúa.*)

Cura da hydropisia

Segundo lemos numa revista scientifica, o dr. Mongour, de Bordeus, tratou ha dez annos uma dama de mais de sessenta annos de idade, atacada de hydropisia. Esta doente, fatigada dos cuidados inuteis do medico, dirigio-se a um hervanario, que lhe aconselhou tratar-se por meio de cebôlas.

A formula do tratamento era tão simples quanto possivel : comer cebôlas o mais que pudesse, cruas ou cosidas, de preferencia cebôlas bracas. Esta doente viveu de cebollas durante 15 dias; uma diurese abundante se manifestou : 15 dias depois a hydropisia não existia.

Verificando este facto, o Dr. Mongour applicou depois essa cura pelas cebôlas a tres doentes do hospital, atacados de hydropisia e nesses tres doentes o liquido desapareceu.

O Dr. Goebe affirma que o remedio em questão não é novo, mesmo no dominio da therapeutica séria, tendo sido usado por Serre e por numerosos medicos da sua época.

Naufragio do paquete á vela “Jaguaripe”

De regresso de sua viagem á Santa Catharina, onde fôra levar tropas e munições de guerra, ao amanhecer do dia 23 de Janeiro de 1833, impellido por maré de vasante e fraco terral de N O, largou do porto de Santos, com destino ao Rio de Janeiro, o paquete á vela *Jaguaripe*, do commando do 1º. tenente Joaquim José Ignacio, futuro almirante e visconde de Inhaúma.

Depois de montadas as pontes da Moella e do Itaipú, mareou o commandante no bordo de E; chamando-se, porém, o vento para E S E, reconheceu elle que nada adiantaria, pelo que tornou a virar de bordo afim de regressar ao porto, não o conseguindo por já se achar sotaventado d'elle. Tomou então o bordo do sul, na esperança de que o vento mudasse, afastando-se da costa, por ter o vento rondado para E e E N E.

No dia seguinte firmou-se o vento a E, começando a soprar com violencia e a levantar muito mar, e que o obrigou a capear, empregando ora a vela grande nos primeiros rizes, velacho nos segundos e vela d'estae, ora vela grande nos segundos e ás vezes vela d'estae na antegalha. Apesar do navio se portar muito bem na capa, comprehendeu o commandante que a perda seria inevitavel se o vento não mudasse e se o mar não applacasse; ao envéz, uma chuva grossa e incessante, acompanhada de violento tufão, sobrevinda depois do meio dia de 24, mais veio aggravar a situação. Sem observação, cada vez mais rijo o vento, conhecendo pelas aguas signaes de proximidade de terra e sabendo por experiencia propria do phenomeno de durarem os ventos, sempre rijos nesta costa, por grande espaço de tempo, resignou-se a esperar que viesse uma callada, que lhe permittisse sahir daquelle difficil transe.

Com effeito, na madrugada de 29, apresentou-se o tão desejado recalhão, do qual se aproveitou para desfazer a capa, fazendo-se de vela com vento de N. O. muito bonançoso, aproando a E. Apenas acabava a faina, em inaudita violencia saltou novamente o vento de E. S. E., ouvindo-se perfeitamente a zuada do chorrear das vagas na praia.

Inuteis foram os esforços feitos para fazer o navio afastar-se; vans as manobras postas em pratica; tres grandes voltas de mar o assoberbaram, vindo quebrar-se dentro d'elle, fazendo com que desgovernasse, pois longe foram parar os homens do leme. Os violentos solavancos e pancadas que dava o *Jaguaripe* annunciaram que estava encalhado, felizmente em uma praia de areia, distante

de uma a duas amarras da costa. Atravessou o navio sobre a praia e o mar e vento o adornaram, fazendo vir quasi abaixo o mastro grande, levando tambem a lancha e um escaler, inuteis naquella occasião.

Perdido o navio, iniciou o commandante o salvamento da tripulação, o qual foi feito com relativa felicidade, havendo, porém, victimas, que constaram de um pequeno creoulo, escravo da nação; de dois casaes de pretos, que haviam embarcado em Santa Catharina para o Rio de Janeiro, e um outro preto que de passagem havia embarcado em Santos.

Em terra, soprando sempre rijo o temporal, tratou o commandante de procurar abrigo para o seu pessoal, que se achava exausto, e indagando do lugar em que se achava, soube que estavam em uma praia proximo ao Santa Martha pequena, não distante da Laguna. Recommendeu á auctoridade do lugar que procurasse recolher os destroços do navio e papeis que fossem encontrados, dirigindo-se em seguida para a Laguna.

Ali chegados, apresentou-se o commandante ao Juiz de Paz, a quem solicitou auxilios, officiando na mesma occasião ao presidente da Provincia.

Poz o Juiz de Paz á disposição do commandante uma casa para habitar com os marinheiros e escravos da nação e, por não dispor este de meios pecuniarios officiou ao Collector de Rendas Nacionaes paralhe fornecer o necessario, visto haver em seu poder dinheiros nacionaes. Negou-se aquella autoridade sob o fundamento de que sem ordem superior não disporia de nenhum. A deshumanidade do collector foi, porém, suavizada pela prestimosa offerta, que fez um negociante, dos mantimentos necessarios a matar a fome dos naufragos, ao qual negociante o commandante entregou vales para serem pagos pelo Governo.

O casco de *Jaguaripe*, mandado levar a leilão, foi arrematado por trezentos mil réis pelo negociante da Laguna Antonio José de Bessa.

H. Boiteux.

A traquitana da calúnia não dá pelas travancas da logica, pelas barreiras do bom senso. Segue, caranqueijolando, precipicio da mentiralhada abaixo, até esbarrar, desencaixando os ultimos engonços, cuspidos os ultimos parafusos, com um esbarrão final, de encontro a um moroiço de infamia, que lhe arreventa a carcassa.

Ruy Barbosa.

GEOLOGIA DE SANTA CATHARINA

POR CARLOS VAN-LEDE

(*Continuação de fls. 742*)

O Cubatão nasce no Campo do Governador. Costêa a oeste e a norte a serra do Taboleiro, dirige-se para lêste e, finalmente, vai desaguar em a mesma bacia por tres embocaduras, das quaes a maior tem 110 metros de largura e 3 m.30 de profundidade. A tres léguas da sua foz, rio acima, no Itaupaba, tem uma costa não pequena; e dahi em diante é navegavel em uma grande extensão. E' junto de Itaupaba que estão as fontes de aguas thermaes, a que se attribuem muitas propriedades medicas e onde pretende a assemblêa provincial construir um hospital.

O Maassiambú tem as nascentes em as Serras do Taboleiro e Cambirola. E' navegavel por pequenas embarcações até sete a oito léguas da sua foz, que sendo, aliás, mui larga, tem apenas de profundidade 0^m.80.

O Embahú nasce das vertentes do Taboleiro e de alguns ramos deste. A quatro léguas do mar, rio acima, encontra-se uma lagôa de perto de légua de superficie. E' pouco profunda, de pouca corrente; e já se vê que seria navegavel se não fôra obstruida a sua foz por bancos de areia movediços, que com as enchentes se deslocam de uma para outra parte. De sorte que não seria para admirar se um explorador, que lhe tivesse demarcado agora com precisão o curso, viesse daqui a annos encontrar, em vez da actual foz, ilhas de areia, cobertas de vegetação; e que só dahi a duas ou tres léguas é que desaguasse o rio. Estes inconvenientes, ainda que graves, não deixam de ter remedio; e bem que não fizesse os necessarios exames, creio poder aventurar que não será difficil. A sua largura é de 70 metros; tem a profundidade de 6 a 8 metros, em uma grande extensão, mas não se lhe pode entrar.

O Guarupaba e Biraqueira são de muito menor importancia, não obstante serem ambos navegaveis e uteis para as communicações com o interior. Têm as suas nascentes na serra do Taboleiro, nos contrafortes destes e em outras pequenas cadeias dependentes da primeira. As embocaduras estão de tal fórma obstruidas que não dão entrada á pequena cabotagem.

O Una desce da Serra do Taboleiro e logo adiante torna-se navegavel. Tem bastante profundidade e pouca correntesa. Desagua na Laguna de Villa-Nova.

O Aratingaúba é outro afluente da Laguna, muito importante pelas suas communicações com o interior. E' profundo e pouco correntoso.

O Capivary nasce na Serra Geral, tem um leito profundo e desimpedido E' navegavel até o seu primeiro salto e dahi até um segundo salto que tem. E' um dos principaes afluentes do Tubarão.

O das Larangeiras, um dos braços do Tubarão, nasce da Serra Geral, no lugar chamado Serra do Imaruhy. E' pela sua margem que segue a estrada da Laguna para Lages pelo Imaruhy.

O Passa-Dois é um prolongamento do Tubarão. Nasce da parte da Serra Geral denominada Serra do Tubarão e tem o leito obstruido de volumosas pedras. O caminho da Laguna para Lages, pelo Tubarão, acompanha-o em seu longo trajecto. Da parte esquerda recebe seis afluentes, que não são sem importancia.

Adiante occupar-nos-emos ainda deste rio, em razão da natureza carbonifera de que é constitnida parte do seu leito. Seguimol-o até ás suas nascentes, que estão internadas 30 léguas em mattas desertas.

O Tubarão começa na conjuncção do das Larangeiras com o Passa Dois; é mui tortuoso até o sitio chamado das Pedrinhas, e fórma pequenas cachoeiras, tão proximas uma das outras, que, em um só dia, descemos de canôa 33, com algum risco; tendo algumas mais de seis metros de queda. A' sua margem direita vem ter 8 afluentes, e á esquerda 4. As nascentes que o alimentam são em tão grande numero, como se vê, na carta da provincia, (*) que não é para admirar que nas grandes enchentes, que ha de 6 em 6 annos, e chamam diluvio, a agua suba 26 metros acima das suas margens, nos logares estreitos e onde tem grandes pedras. Ainda nos occuparemos deste interessante rio, que estudamos com todo o cuidado; e diremos qual seja a sua profundidade e altura que toma nas enchentes.

O Araranguá nasce da Serra da Pedra, que faz parte da Serra Geral. Os seus principaes afluentes, os rios da Mãe Luzia, dos Porcos, de Manoel Alves e o Itapeva, são navegaveis até 8 léguas

(*) Temos estampada uma carta topographica da provincia de Santa Catharina, obra do Illmo. Sr. José Joaquim Machado de Oliveira, dedicada ao Instituto Historico Geographico Brasileiro, de que é um dos dignos membros da secção de geographia. E' á vista della que fazemos esta versão.

(Nota do Traductor)

além dos confluentes. Tem para mais de 8 metros de profundidade e uma correnteza suave, que torna facil a navegação. Porém infelizmente bancos de areia movediços obstruem-lhe a entrada e a foz muda de lugar com as enchentes. O menor vento levanta ahi o mar em grandes vagas. Em uma canôa pudemos reconhecer qual éra a disposição dos bancos de areia; o que não foi de certo empreza agradável, tendo poucas semanas antes escapado de pagar com a vida uns brasileiros que andavam examinando os meios de melhorar a barra para a pequena navegação costeira, e foram arrojados á praia com a canôa em que estavam embarcados. Mais felizes do que elles, pudemos atravessar a foz, ficando-nos a triste convicção que não será tão cêdo que este rio prestar-se-á á navegação marítima.

O Mampituba é alimentado pelas lagoas da Serra, do morro do Torno, da Cabira, do morro Sombrio; e pelos affluentes, os rios Forquilha e Verde. Tem um leito profundo e suave corrente e a foz mais obstruida do que a do Araranguá. Desagua no mar aos 29º 20', limitando ao sul a provincia de Santa Catharina.

Muitos outros rios regam a parte da provincia que está ao lés-te da Serra Geral, que seria inutil descrever; e completaremos a hydrographia desta provincia com o exame das lagoas.

De todas a mais consideravel é a chamada Laguna, que divide-se em tres, a de Villa-Nova, a de Imaruhy e a da Villa da Laguna. Tem na sua maior extensão 30 mil metros e 8 mil e quinhentos metros na sua maior largura. Avalia-se a sua superficie em sete léguas quadradas de vinte ao gráo. A sua profundidade não é igual, mas embarcações de 150 toneladas podem percorrel-a até Villa-Nova. Ao sul communica com as lagôas de Santa Martha, Garopaba e a de Camacho, que desagua no mar; mas não dá entrada á embarcação alguma. Estas tres lagoas são navegaveis e avalia-se a superficie total em duas léguas quadradas.

As quatro lagôas do morro do Caviará, do Forno da Serra e do morro da Serra, que alimentam o Mampituba, são mui profundas. Calcula-se a superficie total em menos de quatro léguas quadradas.

Ha algumas outras lagôas, como sejam: as do Bicho, de Correntes, de Garopaba, de Biraquera, Embahú, etc., que não interessam.

Transportemo-nos para as vertentes occidentaes da Serra Geral, onde mudam inteiramente de aspecto a orographia e hydrographia.

(Continúa).

Os Farrapos em Santa Catharina

Chronica da guerra civil no Rio Grande do Sul

pelo Capitão Tobias Becker

1835 A 1840

CAPITULO VI

(*Continuação da pagina 267*)

Successos na Vaccaria — O Bispo de S. Paulo e o Termo de Lages — Exploração do Itajahy — Os republicanos da Laguna — Os emigrados — Menores para o Arsenal de Marinha — Os successos do Rio Grande e os republicanos da Laguna — Novo presidente de Santa Catharina — Estado das fortificações da provincia.

No dia 29 de Maio o capitão José Luiz Teixeira e o tenente coronel José Barretto do Amaral Fontoura, da Guarda Nacional da Cruz Alta, derrotaram no Campo do rio do Sino uma força republicana commandada pelo capitão Joaquim Marianno Aranha e Felisberto Francisco Soares, sendo este morto e cahindo aquelle prisioneiro.

Anteriormente escrevi que o sargento-mór Quintiliano José de Moura, Juiz de Paz da Vaccaria, fizera com que o collecter de S. Victoria, Antonio da Costa Carvalho, se recolhesse, com os fundos em seu poder, á Villa de Lages. Esse collecter ao chegar á Lages travara relações com o Vigario João Vicente Fernandes, que se mostrava afeiçãoado aos republicanos, e tiveram ambos uma rixa com o dito Quintiliano e gente que o acompanhava, a ponto de ser este uma noite atacado em sua residencia por um grupo de 70 homens, de cuja aggressão escapou milagrosamente.

Por outro lado, em officio de 28 de Junho de 1836, o Juiz de Paz França pediu ao presidente de Santa Catharina para não retirar da Laguna a 5.^a companhia do 2.^o corpo, emquanto durasse a revolução no Rio Grande do Sul, porque o partido republicano tinha naquella villa pessoas sympathicas á causa, possuidas das mesmas idéas, identificadas naquelles principios, e que só tinham em mira a occasião opportuna para pôrem em execução os seus planos, que ha muito projectavam ; affirmava que lançada a primeira

scentelha o incendio se alastraria por varios pontos fazendo incalculaveis males, e que se nada haviam feito até então era porque receiavam a força imperial, cuja presença continha, assim, a propaganda: e concluía dizendo que tinham os republicanos chegado ao ponto de tentarem alliciar praças da dita companhia.

No dia 4 de Julho o cidadão Hyppolito Antonio Rolim, Juiz de Paz das Torres, officiava ao Juiz de Paz da Laguna, dizendo-lhe que fizesse ver aos emigrados legalistas que se achavam em Santa Catharina que era necessario ajudarem aos companheiros compatriotas na restauração da boa ordem e igualmente tomar conta dos seus bens no espaço de 15 dias, segundo a ordem que Araujo Ribeiro déra a respeito.

Nesse sentido Silva França publica no dia 8 desse mez um edital para que chegasse a todos aquella ordem de Araujo Ribeiro, ordem essa, aliás, bem illegal, pois só da Laguna a Porto Alegre distam 60 léguas, viagem de 15 dias, difficilima para ser feita por familias naquella época, mormente nas criticas condições em que se achava a região.

Porto Alegre já tinha cahido nas mãos dos legalistas, comandados por Bento Manoel. Todo o territorio da lagôa Tramandahy para o Sul achava-se restaurado em favor dos legalistas, e Onofre estava em Mostardas, em vista do que o Juiz de Paz da Laguna temia uma invasão republicana por aquelle lado.

A lei provincial de 8 de Maio de 1835, pela qual ficava pertencendo ao arceprestado de Santa Catharina a jurisdição ecclesiastica do Termo de Lages, que até então era do bispado de S. Paulo, não foi acceita por este diocesano, que, em officio de 9 de Maio de 1836, communica ao presidente de Santa Catharina ter mandado passar provisão a outro padre para servir de parochou naquella Villa.

Em resposta, Francisco Luiz do Livramento diz, em officio de 8 de Junho, que a lei acima achando-se competentemente sancionada e não tendo sido revogada pela Assembléa Geral, seria forçosamente executada.

No dia 1º. de Junho de 1836 Agostinho Alves Ramos, encarregado da exploração do Itajahy-Mirim, declarou ao vice-presidente Livramento que aquelle rio não era o que atravessava a estrada de Lages, e ao mesmo tempo propunha-se a explorar o Itajahy Grande, ao que Livramento respondeu, em 23 de Junho, dizendo que conviria nesse caso começar essa exploração pela estrada de Lages a encontrar o rio, que, depois margeado, melhor resultado daria do que praticando de modo inverso.

A 25 de Junho de 1836 Araujo Ribeiro officiava ao presidente de Santa Catharina dizendo-lhe que já havia chegado á cidade do Rio Grande a escuna *Jacuipe*, o cutter *Imaruhy* e o lúgar *Caboclo*.

Nessa ultima data, o capitão da Guarda Nacional José Machado, morador no Arroio do Silva, proximo do Mampituba, officiou ao commendador Francisco de França, Juiz de Paz da Laguna, dizendo-lhe que no Arroio Grande, ao norte do Mampituba, se achava estacionada uma força de 20 homens com o fim de executar ordens que lhe tinham sido dadas.

Ainda nessa ultima data Livramento enviou circulares a todos os Juizes de Paz para que recrutassem os rapazes de 10 a 16 annos, que estivessem desempregados, os quaes se destinariam ao Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro.

No dia 11 de Julho os republicanos foram derrotados no Forte da Barra do Arroio Pelotas. No dia 15 é tomado Porto Alegre por forças commandadas por Bento Manoel. E no dia 23 é tomado o forte da ponta do Junco.

Por ordem de Livramento, a 5^a. companhia do 2^o. corpo, que se achava na Laguna, embarcou no dia 20 de Julho para o Desterro a bordo da lancha *Conceição*.

O elemento sympathico á causa revolucionaria era grande na Laguna, como até aqui tenho provado, fornecendo por todos os meios recursos aos republicanos: nos mezes de Abril e Maio de 1836 tinha ido da Laguna para os revolucionarios alguma polvora. Isto chegando ao conhecimento da Regencia, esta, por intermedio do Ministro da Justiça, advertio ao presidente de Santa Catharina, que tambem por sua vez enviou um reservado ao Juiz de Paz da Laguna, em data de 23 de Julho de 1836.

Chegada ao Desterro a 5^a. companhia, Livramento embarcou-a a bordo do hiate *Vinte e Quatro de Outubro*. Essa companhia era commandada pelo capitão Antonio Carlos da Costa Aguiar de Andrada, e compunha-se de dois 2^{os}. tenentes, tres officiaes inferiores, tres cabos, um corneta e quarenta soldados armados a espingardas, com 2.400 cartuchos embalados; tambem levava uma peça de artilharia de campanha de calibre 3, com a competente palamenta e 200 tiros, sendo 100 de bala rasa e 100 de metralha em pyramides e lanternetas.

A 26 de Julho Livramento officia a Araujo Ribeiro, a quem julgava ainda estar na presidencia do Rio Grande, e communica-lhe a partida da 5^a. companhia, assim como achar-se em Lages o collector Costa Carvalho, com os fundos do registro de S. Victorio.

O Decreto nº. 30 de 28 de Abril de 1836 da Assembléa Provincial, reunira o Districto do Araranguá ao da Laguna; todo aquelle districto era então republicano; o proprio Juiz de Paz, Miguel Fernandes Lésa, tinha um irmão nas fileiras de Onofre.

Quando a 23 de Junho de 1836 Livramento enviou um officio reservado a Lessa, sobre o fornecimento e munições aos republicanos, o Juiz de Paz da Laguna, commendador França reteve esse officio. Não o deixou seguir a seu destino porque dizia elle a Livramento em officio de 2 de Agosto, aquelle Juiz de Paz tinha correspondencia secreta com os revolucionarios.

Finalmente, França, em outro officio, dirigido ao presidente Livramento, com a data de 23 de Agosto, diz que não tem uma unica pessoa de confiança no Araranguá sendo por isso obrigado a encarregar uma pessoa residente nas Torres de enviar-lhe qualquer noticia do Rio Grande.

Em officio dirigido ao Ministro da Guerra, em data de 14 de Agosto, Livramento pede autorisação para collocar um posto na Villa da Laguna, outro mais ao sul, no Campo da Carniça e um terceiro no Araranguá, por serem os principaes pontos de passagem e communicação entre Santa Catharina e o Rio Grande.

Na sumaca *São Bento*, mestre Jezuino Pereira de Carpes, sahida da Laguna a 31 de Agosto de 1836, seguiram para o Rio de Janeiro, para servirem de grumetes na armada nacional, sete rapazes de 10 a 17 annos, segundo as ordens da presidencia da provincia, de 27 de Julho de 1836.

Dois delles eram voluntarios e cinco recrutados: iam todos fornecidos pela Fazenda Nacional, de chapéo, calças, jaqueta, lenço de pescoço e sapatos.

No dia 12 de Agosto de 1836, o celebre Menino Diabo (*) é batido em frente á villa de Taquary, no Rio Grande, por forças imperiaes, tomando-se-lhe tres lanchões, duas peças de artilharia e armas portateis.

O conselho de guerra a que responderam Sepulveda e os mais officiaes do 2º. corpo, e que seguira para o Conselho Supremo Militar, fôra devolvido por este Tribunal ao presidente de Santa Catharina para ser feito de novo, por notar-se nelle nullidade insanavel, visto como, sendo de morte o crime, devêra ter sido feito

(*) Appellido do cidadão Antonio Pereira Ribeiro, ainda vivo, morador no Rio de Janeiro á rua Miguel Frias nº. 6.

(Nota do autor, em 1893.)

o processo pelo Juiz de Direito da Comarca e não por um capitão Auditor. Reformado o processo, foi de novo remetido ao dito Tribunal pelo commendador Livramento, em officio dirigido ao Ministro da Guerra, de 20 de Setembro de 1836.

A 12 de Agosto de 1836 fôra nomeado presidente de Santa Catharina o tenente-coronel José Joaquim Machado de Oliveira, que se achava então em Porto Alegre.

O Tribunal do Thesouro Publico Nacional ordenara á provincia do Rio Grande a fazer um supprimento mensal á Santa Catharina, afim de a coadjuvar nas suas indispensaveis despesas, supprimento esse que fôra sustado em consequencia das occurrencias politicas daquella provincia; e como se achasse Santa Catharina em precarias condições financeiras, Machado officia de Porto Alegre, a 12 de Setembro de 1836, a Araujo Ribeiro, para que continuasse a fazer aquella prestação que estava em pratica, indemnizando as mensalidades em debito, desde a época em que sustou-se tal supprimento.

Por intermedio do Juiz de Paz das Torres, Ricardo Ferreira Porto, teve conhecimento o Juiz de Paz da Laguna, por officios de 19 de Setembro e 4 de Outubro, que os revolucionarios que se achavam fortificados na Capella de Viamão e sitiados por uma columna de 2.300 homens commandados por Bento Manoel, tinham conseguido illudir a vigilancia dos sitiantes na noite de 18 de Setembro, passando para a margem opposta, seguindo pela estrada que vai á colonia São Leopoldo, onde somente se achava uma pequena força de allemães, que fraca resistencia podia oppor.

O transito entre as Torres e Porto Alegre se achava livre e desembaraçado; em vista do que o commendador França, Juiz de Paz da Laguna, officiava a Livramento, declarando que tencionava retirar os destacamentos da Villa da Laguna e Barra.

O estado das fortalezas de Santa Catharina era deploravel: a 10 de Outubro de 1836 Francisco Luiz do Livramento officiava ao Ministro da Guerra remettendo-lhe um mappa dos pontos fortificados na provincia, e dizia a essa autoridade que para os reparos indispensaveis nas ruinas das fortificações e edificios nas fortalezas de Santa Cruz, Barra do Sul e Forte de São João, era necessaria a quantia de oito contos de réis.

Os fortes de São João e São Francisco Xavier da Ponta Grossa, reductos construidos de alvenaria, em terrenos de marinha, sempre considerados sem importancia alguma, pelo seu estado de ruina, havia annos que se achavam abandonados e iam se ruindo

aos poucos com a acção destruidora do tempo, só servindo, então de valhaouto a vadios e viciosos, principalmente o segundo, em cujo recinto ainda existiam restos de um antigo quartel e armazem.

Por todos estes motivos, achava Livramento conveniente a sua demolição, vendendo-se em hasta publica a pedra e algum material aproveitavel, impondo-se a demolição em prazo previamente fixo.

(Continúa).

O pão de batatas

O excesso de producção de batatas na Allemanha, nestes ultimos annos, obrigou os industriaes desse paiz a procurarem meio de utilizar as sobras da colheita, e resolveram o problema por duas maneiras igualmente satisfactorias: fomentando o uso do alcool de batata para combustivel e para illuminação, e ampliando os diversos processos de seccagem, para empregal-as como alimento.

Segundo uma recente informação, ha actualmente na Allemanha 436 fabricas de seccar batatas, com uma producção annual de 110 a 165.000 toneladas. Destas fabricas, dedicam-se 350 á producção de rodas de batata, e 86 á seccagem por meio do ar quente. As rodas são usadas para ração animal, para distillação de alcool, para a producção de amido e para usos iguaes aos das batatas frêscas; mas também são moidas, obtendo-se dellas uma farinha de um branco amarellado, rica em hydro-carbonatos, muito empregada pelos padeiros, misturada com as farinhas de trigo e de centeio. As farinhas que se misturam com a farinha de batata produzem um pão muito saboroso, de mais facil digestão e que se conserva macio durante um espaço de tempo relativamente longo. Também se emprega a mesma farinha, nas manipulações da cozinha, para encorpar sôpas e môlhos.

A industria da farinha de batata também tem alcançado grandes proporções na Hollanda. Neste paiz, dizem os naturistas, emprega-se a maior parte do excesso de batatas, das colheitas annuaes, no fabrico de dextrina. Mas não confessam o grande emprego d'ella no fabrico dos queijos.

Consideração philosophica:

— O que é preciso acontecer para que a um combate se possa chamar *vivo*?

— Que haja muitos *mortos*.

HYGIENE POPULAR

O AR

(Continuação da pag. 276)

III

A AGUA

REHABILITAÇÃO—AS
FUNÇÕES DA E-
PIDERME—A HY-
DROTHERAPIA —
A AGUA FRIA—VI-
CENTE PRIESDITZ
— AS APPLICA-
ÇÕES DA AGUA
FRIA —UMAEXPE-
RIENCIA.

E' sabida a versão attribuída a um velho medico notavel, que sobre seu leito de morte dizia aos clientes consternados: « Não receeis cousa alguma; parto mas deixo comvosco os melhores medicos, que jámais morrerão : o ar, a agua e a dieta.

E' principalmente no que concerne á agua que o velho esculapio tinha razão.

A agua precisa ser rehabilitada. Ainda se encontra muita gente infeliz — sim, bem infeliz ! — que se blasona de não se servir de agua, nem exterior, nem interiormente. A seu pensar é um vicio beber agua e nada mais perigoso que expor o corpo á agua !

Geralmente teme-se a agua, especialmente a agua fria. E' o resultado do que eu chamarei uma verdadeira fraqueza humana. Os homens são levados a não tomar e a não acceitar senão o que lhes é agradável : é natural.

A menor sensação desagradavel lhes faz rejeitar o que a produz.

Somos superficiaes e nos conformamos com as indicações de uma primeira impressão. Não procuramos saber si um pequeno mau estar pode dar-nos, como consequência, um grande beneficio. Nosso espirito, em geral, não vai tão longe ! A agua fria é desagradavel, seu sabor não tem nada de original para o paladar, seu emprego sobre o corpo dá logar a arrepios da carne... e sem reflectirmos, por uma verdadeira preguiça de espirito, repellimos a agua, execramol-a, maldizemol-a. Nisto, os homens mostram menos intelligencia do que os animaes.

Estes, com effeito, sabem utilizar-se da agua por uma maneira realmente curiosa.

Por que não seguimos as indicações da natureza? Pelo prazer de fazer tudo de modo inverso do que deve ser?

A agua bem applicada presta innumerous serviços á conservação da saude, á tonificação do organismo. Torna o corpo mais apto a resistir ás causas das molestias e lhe conserva o vigor.

Ha, evidentemente, certas precauções a tomar no emprego da agua como bebida e na sua applicação ao uso externo (ao que se chama hydrotherapia).

Examinemos o assumpto sob esses dois pontos de vista.

Para bem comprehender-se o effeito da agua empregada em uso externo sobre o nosso corpo, seja em lavagens, em loções, em banhos, etc., é necessario ter algum conhecimento sobre o papel e as funcções da pelle.

A pelle do homem representa um grande papel no jogo das funcções que formam a vida.

E' por ella que estamos em relação com o mundo exterior, que percebemos as sensações do frio e do calor.

Ellas contêm extremidades nervosas que servem para recolher essas sensações. Está, tambem, em relações com a circulação do sangue por numerosos pequenos vasos sanguineos, que a sulcam em todos os sentidos. Em certos logares a ella convergem pequenos canaes por onde transita a lymphá, o que explica como uma pequena ferida pode algumas vezes dar logar a phenomenos graves de infecção. São esses vasos lymphaticos utilizados quando se pratica a vaccinação.

A pelle desempenha, tambem, funcções importantes de respiração e de transpiração.

Ella serve, de facto, tanto como os pulmões, para rejeitar uma parte dos residuos da nutrição, para desembaraçar o sangue de materias usadas e inuteis. Está demonstrado que, através da pelle o sangue, os tecidos do nosso corpo recebem a impressão dos gazes, dos liquidos e dos saes. Esta propriedade é mesmo utilizada em medicina quando, pelas uncções, fazemos penetrar certos medicamentos no corpo. E é graças a ella, aliás, que os banhos de agua salgada têm uma tão poderosa acção sobre a composição do sangue.

A importancia das funcções da pelle é tão grande que uma pessoa, cujo terço do corpo esteja impregnado de um verniz impermeavel tornar-se-á doente e acabará por morrer em pouco tempo,

Isto explica a gravidade das queimaduras de grande extensão. as quaes produzem quasi sempre a morte, não em razão de sua violencia, mas em consequencia de sua superficie. A morte vem imme-

diatamente apóz a supressão das funcções da pelle. Quando a pelle não póde bem desempenhar sua tarefa, são os órgãos internos que as devem substituir e este accrescimento de trabalho provoca máo estar e enfermidade do órgão onerado. Os rins e os órgãos da digestão, estomago, figado, intestinos, são particularmente atingidos neste caso.

A pelle está, portanto, em relação constante com o tubo intestinal, uma verdadeira pelle interna. E' por isso que as molestias da pelle relacionam-se com as molestias do estomago, do intestino e reciprocamente.

Esta relação tem sido observada por todos e é de sua observação que nasceu o prejuizo popular das molestias recolhidas.

Dr. Terwagne.

(*Continúa.*)

Pensamento de um viajante

Ninguém melhor do que os donos dos hotéis mostra conhecer o pouco que as suas comidas valem, visto como nada descontam aos hospedes nos dias em que elles almoçam ou jantam fóra do hotel.

Um bom conselho vale mais que uma peça de ouro; a esmola fecunda é a do coração; e todos podemos fazel-a.

O trabalho afasta de nós tres grandes males: o aborrecimento, o vicio e a necessidade. — **A. G. Mann.**

Sejamos verdadeiros: é todo o segredo da virtude e da auctoridade moral.

Todo direito no mundo foi adquirido pela luta. Esses principios de direito que estão hoje em vigor foi indispensavel impol-os pela luta áquelles que não os acceitavam; assim, todo o direito, tanto o de um povo, como o de um individuo, presuppõe que estão o individuo e o povo dispostos a defendel-o — **R. von Ihering.**

Todo o partido politico vencido fuja de querer arrancar pela força a victoria ao partido dominante; espere e obre com prudencia; fortifique-se com a opinião publica, e deixe accumularem-se os motivos de queixa contra os dominadores; — porque esse é o melhor modo de conspirar. — Os governos perecem por si mesmos, e rarissimas vezes caem por meio da *resistencia armada*; porque, em politica é que os suicidios são mais frequentes. — **Capefigue.**



ESCRINIO

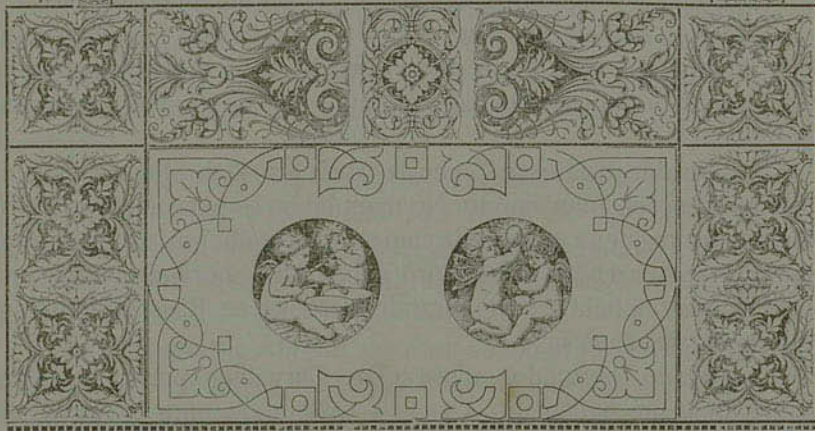
Eu imagino pérolas perfeitas,
Que inda dormem nos mares do oriente
E diamantes de esplendidas facetas
A rir nos seios do Brazil ardente;

Velludo cróceo, deslumbrante, quente,
Cheio dalma odorosa das violetas;
Ouro, gyripo e as rútilas palhetas
De artista raro, grande, omnipotente;

Cinzel de Phydias, tintas de Murillo,
Para uma joia lucida e sonóra,
Para um escrínio de divino estylo,

Onde a guardasse, onde entre pasmo e asombro
Ninguem a visse um dia pôr de fóra,
A aza, que eu lhe conheço em cada hombre.

Luiz Delfino.



A CORVETA “DIANA”

ROMANCE MARITIMO, ORIGINAL BRAZILEIRO

POR

A. VON HOONHOLTZ

(BARÃO DE TEFÉ)

(*Continuação da pagina 287*)

O marinheiro parou meio envergonhado, afastou com a palma da mão o cabelo que lhe cahia sobre a testa, onde se via a marca duma grande e recente cicatriz, e mechendo com o barrete de dentro para fóra, e de fóra para dentro, tomou finalmente a palavra :

— Eu binha a saberi do Sr. Tinente Alfredo.

— Pois pôde entrar que elle alli está, respondeu o doutor Carvalho, e apontou para o enfermo.

— Com suas licencias; — e o marinheiro atravessou o quarto fazendo estremecer o assoalho com os seus sapatões fer-rados; a alguns passos do leito parou respeitosamente e, começando de novo a fazer girar nas mãos o seu barrete, olhou com ar consternado para o official, dizendo com aquella pronuncia carregada de todo o marinheiro portuguez: — Entonces como bai o meu rico Sinhori Tinente? Bóssa Sinhoria m'hade pur-duari o nam tel-o porcurado a maix tempo, max isso lá não foi por minha culpa, purque ao xpois d'aquella aburdáge com o Zé ilhéu, e que o Sr. Tinente me salbeu de ser engaiolado, nunca maix xube nóbas xuas e tenho burdijado munto alli pelos cáises á bër se o bispo; hoje foi que bi o Senhor doutorsinho, e assim que o bi dei-lhe caça, maix o homem parece-me a mim que ia de cutellos e barredoiras porque só lhe pude chegari á falla quando elle deu fundo n'ua casa.

Rosinha e Chiquinha cochichavam e reprimiam o riso.

— Meu bom Jorge, disse Alfredo — agradeço-te o interesse que mostras por mim, eu já estou quasi bom... mas o que fazes ahi de pé? Senta-te nesta cadeira, que o Sr. doutor e as Senhoras dão licença.”

— Purdôe-me Bóssa Sinhoria, maix isso lá de abancar-me em suas presencias, nam sinhori. No maix binha só para applicar-lhe o lúsio, e agora que já me sastifiz com as suas melhoiras bou marear o panno e seguir á pôpa *rasada* prò nabio. Ah! é burdade; por estes dias fazemos á béla pró Rio Grande, purtante se Bóssas Senhorias quizerem alguã coisa...

— Muito obrigado, disse o Dr. Carvalho, porém antes de sahir tome um pouco de *Xerez*, — e virando para o moleque

mandou buscar um copo desse vinho, que Jorge sorveu de um trago, depois de fazer um *speech* lá á sua moda.

— Fico munto aguardecido a Bossas Sinhorias, e podem dispôr do présto deste seu criado Jorge para o que lhes serbir. Q'anto á dibida que lhe debo ao Senhor Tinenti, eu nam heide sucegári emq'anto nam tiver pago ao menos os juro á benecerem.

— Esquece-te disso, Jorge, a mim não deves favor nenhum, e depois, quem sabe, talvez eu ainda venha a precisar de teus serviços ; adeus e faz boa viagem. ” E o moço estendeo a mão para apertar a do marinheiro, mas este hesitou um momento e, depois, agarrando-a com effusão, levou-a ao peito e disse com voz comovida: ”

— Adeus, Sr. Tinenti, Deus o ajude e o libre de p'rigos tanto q'anto lh'o deseja o pobre Jorge. — E largando a mão do mancebo sahio do quarto muito depressa.

— Parece ser um bom homem este Jorge, disse Amelia ; seu olhar inspira confiança e pela sinceridade das expressões mostra ser muito seu amigo.

— Donde o conhece ? perguntou Quinóta — não parece marinheiro de navio de guerra.

— Travei conhecimento com este homem dum modo bem singular e sem a precedencia das formalidades de apresentação ; mas é uma longa e massante historia.

— Conte-nos, conte-nos, Sr. Alfredo, clamaram todas.

— Pois bem, disse o mancebo, e deu principio á historia pela chegada da *Diana* ao porto do Desterro, descreveu a festa, o baile do Presidente e emfim a orgia naquella espelunca da rua da Figueira, onde fez o seu primeiro encontro com Jorge.

— Não lhe gabo o gosto, disse Quinóta, pois o Sr. deixa uma sociedade escolhida e um baile nos brilhantes salões do palacio, para ir sentar-se só no adro de uma igreja e depois metter-se numa casa onde meia duzia de marinheiros desordeiros brigam e fazem motim ?

— Que quer, minha Senhora, são gostos extravagantes.

— E depois se o Sr. Alfredo não estivesse allí talvez que o outro marinheiro matasse o pobre Jorge, — acudio Amelia.

— Não vê! disse Chiquinha, marinheiro bebado tem fôlego de gato.

No dia seguinte Alfredo levantou-se muito cedo, e sentindo-se restabelecido, pediu ao seu amigo Gustavo que lhe mandasse um escaler á praia fronteira, pois achava que era tempo emfim de

mudar d'ancoradouro. Não houve rasão nem pedido que o decidisse a demorar-se um dia mais, e ás dez horas da manhã sahio de casa para embarcar, sendo acompanhado até á praia pela familia do Dr. Carvalho; seu andar era vacillante e ainda bem melindroso o estado do braço fracturado, suspenso ao pescoço por um lenço preto, e contrastando com o ar jovial e a fingida alegria que não puderam entretanto obstar a que a emoção o trahisse pela inflexão estranha da voz, quasi embargada na garganta, quando pretendeu manifestar em algumas palavras de despedida toda a sua gratidão áquella familia a quem tanto devia: mas o nosso coração não se sujeita impunemente ao jugo despotico da nossa vontade!...

Alfredo fez-se transportar ao caes d'Alfandega, ahi desembarcou e encaminhou-se logo para o hotel do Universo, onde encontrou os seus companheiros, que o receberam com exclamações de jubilo. O commandante foi o primeiro a insistir com elle para que, em vez de convalescer a bordo, tomasse de preferencia um quarto no hotel, onde teria mais commodidades e poderia passear sempre que lhe approuvesse, sem correr o risco de desarranjar o apparelho do braço, como succederia por certo nas frequentes viagens de ida e volta num escaler.

Dois dias depois (era o nono que decorria desde a sua quêda e o em que elle promettera visitar as sobrinhas do Dr. Carvalho) o moço sahio á tarde como costumava, porém dirigindo-se á cocheira onde o vimos entrar uma semana antes com Gustavo, conseguiu depois de breve reluctancia do proprietario, alugar o mesmo cavallo do primeiro passeio.

Antes de montar aparafusou duas pequenas espóras de prata nos saltos dos seus botins, e apezar de trazer o braço ainda suspenso ao pescoço, saltou sobre o ginete, que logo começou a pular e empinar-se rodando sobre os pés; o cavalleiro no entanto conservou-se firme sobre o sellim e seguiu para a Praia de Fôra sem ter soffrido o menor choque na fractura.

Ao avistar a ponte fatidica e a familia do Dr. Carvalho, que estava tomando fresco no portão, o animal estacou, endireitou as orelhas, dilatou as ventas e unindo os quatro pés atirou-se para o lado.

— Meu Deus, exclamaram todas, é Alfredo!

— A culpada desta loucura é Chiquinha, disse Amelia, cujos olhos faiscavam e expremiam a inquietação e o medo: você é a culpada d'elle vir hoje no mesmo cavallo, visitar-nos.

Chiquinha não poudé responder, porque todas as atenções estavam fixas em Alfredo, que tendo chegado segunda vez junto á

ponte e vendo o animal obstinar-se em não querer passal-a, cravou-lhe com força as esporas. O cavallo deu um arranco desesperado e cahio sentado do outro lado da ponte, mas levantou-se no mesmo instante e partio como um raio pela estrada á fóra; só muito adiante foi que o mancebo, apenas dispondo da mão direita, conseguiu deter o animal e fazel-o voltar para a chacara do Doutor; dois pretos já iam correndo pela estrada por ordem do Senhor, e mesmo o velho e Amelia caminhavam muito depressa com tenção, sem duvida, de soccorrel-o, caso lhe acontecesse alguma nova desgraça.

O joven official assim que os vio apeou-se e dando as rédeas a um dos negros correu ao encontro dos seus amigos.

— O Sr. não se pisou? perguntou Amelia com solicitude.

— Ora você é doudo? acudio o bom velho apertando affectuosamente a mão do mancebo.

— Por favor, não se zanguem commigo, disse Alfredo, isto não passou de um pequeno capricho, talvez mesmo de mistura com uma boa dóse de vaidade, mas um moço deve merecer desculpa quando faz uma destas doudices para provar que não é tão máo cavalleiro como o julgam. Porém, mudando de conversa, como passaram suas irmãs e prima? e como está a minha cara enfermeira? — accrescentou elle, offerecendo o braço direito á moça.

Durante o caminho os dois jovens apertavam-se docemente as mãos e pareciam sentir um encanto inexplicavel e um prazer indefinivel em confundirem os seus olhares ardentes e amorosos.

MARÉ DE ROSAS — ORDEM IMPREVISTA

De que me serve esta vida
De vexames opprimida
Soffrendo sempre amargura?
Sem delicias da ventura,
De que me serve penar
E nunca poder gozar?

[Machado — Meditações.]

Maré de rosas! ... óra eis-ahi uma phrase estranha a muita gente e que parecerá sem duvida despida de sentido, sem nexo e tudo quanto quizerem; mas na tecnologia do marinheiro esta phrase tem uma applicação constante e um uso extraordinario em todas as gerarchias de bordo, desde o Almirante até o grumete.

(Continúa).

NOTAS

Livros, revistas, jornaes, etc.

Recebemos e agradecemos :

Felippe Schmidt (plaquete) por João de Oliveira. Em elegante brochura, papel couchê e boa impressão, o talentoso jornalista e poeta Sr. João de Oliveira reuniu cinco produções — *Felippe Schmidt, politico.* — *O Invasor das Fronteiras* — *A Defesa do Direito* — *Felippe Schmidt, administrador* — *Discurso* — em que estuda e enaltece, com justiça e primor de linguagem, a personalidade do Sr. coronel Filippe Schmidt, governador do Estado.

O Deputado Irineu Machado versus Allemanha. — E' um opusculo de 27 paginas, contendo artigos que o apreciado jornalista catharinense Sr. Crispim Mira publicou na imprensa do Rio de Janeiro a proposito do discurso proferido na Camara dos Deputados pelo Dr. Irineu Machado. O Sr. Crispim Mira mostra, com abundancia de argumentos, o excesso das objurgatorias do ardoroso deputado por Minas e deixa demonstrado, com factos que cita, quanto devemos, os brasileiros, á cooperação do elemento germanico em todas as manifestações da vida nacional, especialmente na esphera economica, na politica e nos campos de batalha, em luta com o estrangeiro, onde o sangue allemão foi forrado com o nosso, expontaneamente, em defesa dos brios brasileiros.

— *Pro Sport* — Folheto organizado por Sportman, sob o intuito triplice de facilitar, com o producto da vendagem, a aquisição de embarcações de regatas para os Club Sportivo de Florianopolis; difundir e impulsionar todos os sports em Santa Catharina; e demonstrar a necessidade duma Federação Catharinense de Sports. Traz como divisa o velho aphorismo latino — *Mens sana in corpore sano* e contem interessante materia sobre sport.

— *Cartas Pastorales de D. Joaquim Domingues de Oliveira*, Bispo de Florianopolis. — Saudando aos seus diocesanos. — Communicando officialmente a eleição do Santo Padre Bento XV. Attestam a elevada cultura do respeitavel principe da Igreja e a preocupação de continuar na tarefa nobilissima iniciada pelo eminente Metropolitano D. João Becker, " cujos pegadas, osculando com respeito, procurará imitar. "

Elixir de Nogueira — 20 annos de prodigios.

Os medicos mais illustres, como é facil verificar neste jornal, pelos attestados, não querem outro depurativo do sangue, a não ser o Elixir de Nogueira do pharmaceutico chimico SILVEIRA.

Dr. Theophilo Nolasco de Almeida

A *Noticia*, do Rio de Janeiro, inserio em o numero de 13 de Outubro um trabalho do distincto catharinense Sr. Dr. Theophilo Nolasco de Almeida, lente cathedratico da Escola Naval, sob os titulos. — *Polvora e a Guerra.* — *Um estudo sobre os explosivos modernos.* Precedendo á publicação, o jornal carioca estampou o retrato do prestimoso militar e qualifica-o de — " umas da nossas competencias no estudo dos explosivos modernos e do seu uso nas ultimas guerras ". Esse estudo, affirma a *Noticia*, já estava composto em sua redacção quando chegaram de Paris os telegrammas sobre as ultimas experiencias com a turpinite.

Conselhos uteis — Para a syphilis o grande depurativo do sangue Elixir de Nogueira do phamaceutico SILVEIRA.

Revista Catharinense

Levamos ao conhecimento dos nossos prezados assignantes que estamos procedendo á cobrança do 1º. e 2º. semestres do corrente anno, da nossa Revista.